

Será que os pais estão loucos?



Ouvi uma frase bem interessante de uma pessoa que não tem filhos e, mesmo assim, interessa-se bastante por educação familiar. Após contar um episódio de um conflito entre um pai e um filho pequeno num espaço público, ela disse, sem rodeios, que acha que os pais devem estar loucos.

Tomando a palavra louco usada no sentido de desprovido de bom senso, que não é razoável ou prudente, precisamos reconhecer que ela tem certa razão. Vamos refletir a esse respeito usando alguns exemplos de comportamentos de pais que me foram contados por várias pessoas.

Um médico plantonista atendeu uma garotinha de quase quatro anos com suspeita de ter ingerido comprimidos de um medicamento que a mãe usa. Por sorte, a suspeita não foi confirmada. O médico perguntou à mãe como a menina tinha alcançado o remédio, e ela, desesperada, contou que ele fica em sua bolsa, objeto que a filha adora pegar e explorar. Aliás, há coisa mais fascinante para uma criança do que um "guarda-coisas" tão interessante quanto esse?

Em outro caso, um pai é que ficou preocupado porque o filho, de oito anos, havia descoberto e consultado sua coleção de revistas para adultos que fica na estante da casa. A preocupação do pai tinha dois pontos: se o conteúdo da revista poderia prejudicar o filho, e que imagem ele faria do pai depois de saber que ele gostava desse tipo de revista.

Um último exemplo: uma família decidiu fazer um passeio pela praia no final da tarde, e o filho, de seis anos, não quis acompanhá-los. Com a maior simplicidade, os pais decidiram deixá-lo em casa sozinho, seguros com o fato de a casa estar em um condomínio fechado. No tempo em que ficou lá, o garoto interfonou para a vizinha, convidou o filho dela para brincar, foi até lá e ficou por um período, voltou para casa e os pais ainda lá não estavam.

Podemos dizer que há um elemento comum a todos os exemplos: o descuido ou a imprudência dos pais em relação aos cuidados com os filhos. Trata-se de reflexos de um movimento sociocultural atual: os adultos querem ter filhos, mas, ao mesmo tempo, querem viver como se não os tivessem.

Num mundo individualista e que cultua a juventude, os pais pensam mais em si do que em sua responsabilidade educativa. Ter filhos sempre foi um anseio egoísta e idealizado, mas, nos tempos atuais, a idealização e a idéia de filho como projeto pessoal não têm cedido o espaço devido à realidade que é ter um filho e educá-lo. Consequência: crianças e jovens não têm sido poupados de situações pelas quais não deveriam passar e, por outro lado, têm sido aprisionados nesse amor "exigente" e egoísta.

Ao lado de episódios como os acima descritos, em que pais deixam desprotegidos seus filhos ainda sem autonomia, há outras em que esses mesmos pais protegem os filhos de experiências que são próprias da vida - e que seus filhos poderiam enfrentar sem dramas-, como frustração e sofrimento diante da perda. Isso tem criado para os pais uma vida repleta de fragmentos sem conexão.

Crianças que ficam sozinhas em casa não fazem a lição sem a ajuda dos pais; adolescentes que curtem festas e baladas até de madrugada não podem ir por conta própria para a escola usando transporte coletivo; crianças e adolescentes que passam a tarde em grupos pelos shoppings não são responsabilizados por nenhuma tarefa em casa, como arrumar a própria cama. Proteção em demasia e desamparo são situações opostas que se alternam cada vez com mais frequência na vida das novas gerações.

Tratar a criança como se ela fosse jovem é um desrespeito à infância; tratar os jovens como se eles tivessem crescido só em alguns aspectos é subestimar o seu potencial de vida. Pelo jeito, nada disso tem sido objeto de reflexão para muitos pais, de tão absorvidos que estão com a própria vida. Os pais devem mesmo estar loucos, não é?

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)

@ - roselysayao@folhasp.com.br

(texto recebido de Lúcia pela lista Filosofia Espírita para crianças - www.edicoesgil.com.br)